



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

LEGITIMAÇÃO DOS ATOS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: ritaksouza@hotmail.com

Mariana Santos Sirino,
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marisantos203@yahoo.com.br

Dediane Alves Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: deyde_sol@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho trata-se de uma investigação sobre as relações entre o professor e a criança no cotidiano escolar de ações que podem legitimar a violência psicológica em violência simbólica. Partindo do pressuposto de que o sujeito se constitui nas e pelas relações que mantém com o outro durante seu desenvolvimento, o ponto a ser considerado nesse estudo é que a ação de violência psicologicamente exercida pode ser uma violência simbólica legítima, a qual pode incluir o professor no exercício do poder simbólico. Essa compreensão mobiliza para uma reflexão de que, nas práticas escolares, as crianças rotuladas como tendo dificuldade de aprendizagem podem ser vitimizadas pelos professores, através de atos que podem ser caracterizados como violência psicológica. A violência psicológica tem sua manutenção favorecida por não deixar marcas físicas e, muitas vezes, constituir-se de ações toleradas ou aceitas pela sociedade (AZEVEDO, GUERRA, 1989).

Um aspecto importante é que os professores são pessoas significativas para a criança e influenciam a forma como ela se vê ou se percebe, pois eles, constantemente lhes fornecem informações sobre suas habilidades, valores, destrezas ou ausência deles. Em outras palavras, a forma como os adultos expressam os seus afetos por uma criança, o modo como exercem a disciplina e o controle, o clima democrático ou autoritário do meio, o uso de elogios ou reprovações em tarefas realizadas com êxito ou não, são fatores

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



que contribuem para a formação de uma imagem positiva ou negativa sobre a percepção que a criança tem de si própria. Partindo desse pressuposto propomos investigar nas relações entre o professor e a criança, ações que podem legitimar a violência psicológica em violência simbólica.

A violência que se exerce pelo “poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro” (ZALUAR; LEAL, 2001, p. 148) seria a violência simbólica legítima, que inclui o professor no exercício do poder simbólico.

Para Bourdieu (1989),

as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que (...) podem permitir acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam (...) (p. 11).

Bourdieu caracteriza essa forma de poder como “poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (pp. 8-9). Os sistemas simbólicos tenderiam a ratificar as relações de poder e dominação social. A violência simbólica é o poder de impor e mesmo de inculcar instrumentos de conhecimento e expressão arbitrários, ignorados, portanto, pela realidade social (BOURDIEU, 1989).

Torna-se importante esclarecer que é nessa configuração que a violência psicológica torna-se simbólica, ou seja, quando a criança legitima o que o outro pensa ou sente sobre ela como uma criança que apresenta dificuldades na aprendizagem dos conteúdos escolares. Nas relações com o outro, a criança passa a constituir-se como incompetente, fracassada, aumentando, assim, o sentimento de desvalorização de si. A compreensão desta faceta da violência psicológica que assume características de violência simbólica torna-se importante para o desenvolvimento de estudos que promovam reflexão sobre esses fenômenos.

METODOLOGIA

A pesquisa, pautada nas diretrizes epistemológicas da investigação qualitativa, fará uso de cenas que registram atos de violência na relação entre professor e alunos na



sala de aula. Foram participantes 04 alunos de duas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Itapetinga-BA e seus respectivos professores. Nas escolas, foram realizadas sessões de videogravação com duração de uma hora e trinta minutos a duas horas, sempre no período inicial da aula (08h). O equipamento foi instalado antes dos alunos e dos professores entrarem na sala de aula. Das filmagens, foram extraídas cenas da relação professor-aluno com situações que apresentaram atos com violência psicológica. Com o material já selecionado e editado, deu-se início às sessões de autoscopia realizadas no Laboratório de Assessoria Pedagógica. Nessas sessões as cenas foram apresentadas às crianças, individualmente, solicitando que se manifestassem sobre elas. O recurso da videogravação, também para as sessões de autoscopia possibilitou registrar não só o que foi dito, mas também expressões faciais e gestos emitidos no momento em que a criança se via frente à imagem das cenas vivenciadas em sala de aula. Assim, foi possível registrar, além do relato verbal da criança, a visão delas em relação às ações de violência psicológica do professor no cotidiano escolar para que dessa forma, possamos apreender a existência da legitimação em violência simbólica. Com esse procedimento, as sessões autoscópicas duraram entre trinta minutos à uma hora.

As transcrições das sessões autoscópicas gravadas em vídeo, os comentários a serem feitos após cada sessão autoscópica e o registro das conversas realizadas com os participantes constituíram todo o material analisado microgeneticamente em nível mais detalhado os recursos de apreensão e conscientização das crianças sobre as vivências das situações de violência psicológica. Os dados foram organizados em dois eixos temáticos: a) O processo de legitimação, b) Ações de violência simbólica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo apontam que a criança pode, a partir dessa vivência, adquirir a consciência de que a consequência legítima do não saber é, em geral, não ter a atenção e o empenho do professor no auxílio a sua aprendizagem; que as significações construídas pela professora sobre a criança que não aprende os conteúdos escolares ao serem naturalizadas por elas (crianças) após uma ação de autoridade pedagógica pode ser legitimada:



(...) P.: Por que ela falava desse jeito? Gustavo: Na hora que ela vinha eu escondia a cara pra ela não me ver. P.: E quando você precisava não a chamava? Gustavo: Não. Não sabia ainda. P.: Mas ela não te ensinava? Gustavo: Ensinava. Mas porque eu não sabia ainda.

O conflito entre a postura da professora e a vontade de aprender dos alunos estava atrelado a um temor e a um sentimento de vergonha pelo não saber. Percebeu-se, então, que a criança pode, a partir dessa vivência, adquirir a consciência de que a consequência legítima do não saber era, em geral, não ter a atenção e o empenho da professora no auxílio à execução das tarefas.

No caso de Gustavo, sua percepção foi de que a professora agia assim porque ele ainda não sabia. Nessa configuração que a violência psicológica torna-se simbólica, ou seja, quando a criança legitima o que o outro pensa ou sente sobre ela e, especialmente, legitima as ações do outro em relação a ela, no caso a professora representa a autoridade na instituição escolar (BOURDIEU, 1989). Através dessa relação com a professora, a criança passa a constituir-se como incompetente, fracassada, aumentando assim, o sentimento de desvalorização de si. Entretanto, quando a criança percebe essa forma de agir da professora como violência, esta deixa de ser violência simbólica, pois é deslegitimada.

A ação da professora em não olhar ou dar atenção às atividades dos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem também é visível essa relação:

(...) P.: Quando você quer ajuda para entender uma tarefa como você faz? Gustavo: Eu faço sozinho. P.: Pede ajuda a professora? Gustavo: Às vezes ela ajuda. (...) P.: Quando você não sabia fazer o dever ela te ajudava? Gustavo: Às vezes. Muitas não. P.: Às vezes você ficava sem entender? Gustavo: É. Eu não sabia ler e não sabia o alfabeto.

A indiferença da professora foi percebida pelo aluno como ausência de auxílio para o desenvolvimento de atividades que não conseguia realizar sozinho, principalmente quando não sabe ler ou escrever. Nas relações com o outro, a criança passa a constituir-se como incompetente, fracassada, aumentando, assim, o sentimento de desvalorização de si. A compreensão desta faceta da violência psicológica que assume características de violência simbólica torna-se importante para o desenvolvimento de estudos que promovam reflexão sobre esses fenômenos.



Portanto, o poder da violência simbólica, para Bourdieu (1989), é o que chega a impor significações, como se essas fossem legítimas, naturalizadas para quem as incorporou após a ação de uma determinada autoridade pedagógica. A força empreendida na legitimação das significações é dissimulada, pois há o emprego de um sutil convencimento arbitrário. Para o autor, a escola, a ação pedagógica e a autoridade pedagógica ocupam papéis importantes na reprodução e na legitimação de saberes e valores que interessam à manutenção da sociedade de classes.

CONCLUSÕES

Consideramos que é nessa configuração que a violência psicológica torna-se simbólica: quando a criança legitima o que o outro pensa ou sente sobre ela e, especialmente, legitima as ações do outro em relação a ela, já que a professora representa a autoridade na instituição escolar. Mas, quando percebe essa forma de agir da professora como violência, então deixa de ser violência simbólica.

Este trabalho apresenta como proposta, a reflexão e a crítica sobre o efeito marcante que tem a violência psicológica no desenvolvimento da criança, especialmente no seu processo de escolarização. Pensar a violência psicológica também enseja motivos para futuros estudos, já que práticas como essas, vivenciados no cotidiano escolar, principalmente na relação professor-aluno, estão a exigir maiores conhecimentos que possam contribuir para as transformações dessas relações.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica; Relação Professor-aluno; Violência Psicológica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. *Violência psicológica doméstica: vozes da juventude*. Livro eletrônico disponível no link www.ieditora.com.br, 2001.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n.45, fev., p. 145-164, 2001.